

Para a realização simultânea de várias modalidades esportivas, todas as atividades foram mapeadas com cronogramas de execução e equipes acompanharão passo a passo as ações

O Brasil se encontra em oitavo lugar no Índice Global de Nações Esportivas 2014, de acordo com dados da consultoria britânica de inteligência esportiva Sportcal. Já sediou eventos como os jogos Panamericanos, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol, podendo se consagrar, de vez, como potência na gestão de eventos esportivos durante os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, que acontecem a partir de 5 de agosto, no Rio de Janeiro.

A organização de um evento desse porte é desafiadora. Envolve execução de obras de infraestrutura e de equipamentos esportivos, operações logísticas, planos sofisticados de segurança e perfeito funcionamento dos instrumentos de comunicações, exigindo grande complexidade de gestão. Estes serão os primeiros Jogos Olímpicos realizados

na América do Sul. “O maior desafio é o sucesso na coordenação entre os vários tipos de autoridades, patrocinadores e empresas contratadas. Então, a coordenação e todo o universo de stakeholders é muito complexo, envolve investimento relevante, visibilidade perante a sociedade mundial, e todas as medidas que tomamos, imediatamente se expandem pelo mundo”, afirma Sidney Levy, diretor-geral do Comitê Rio 2016.

Para ilustrar essa complexidade, Levy explica que a gestão e o próprio investimento são praticamente separados em três módulos, de acordo com o destino de cada projeto no final dos jogos. O primeiro deles relaciona-se às obras de legado, que receberam o maior orçamento dos jogos: 24,6 bilhões de reais. “Essa estrutura de projeto é gerida pelo poder público, que inclui a Prefeitura da cidade,

o Governo Estadual e o Federal”, diz. A segunda vertente dessa gestão, com recursos de 8 bilhões de reais, diz respeito a todas as instalações temporárias e recursos humanos, e envolve uma lógica de planejamento que prevê o uso e a extinção dos equipamentos e de todos os objetos utilizados nos Jogos. De acordo com Levy, a metodologia empregada para as instalações temporárias é de total responsabilidade do Comitê Organizador e tem uma governança privada. “Trabalhamos com pessoas do mercado e fazemos isso como qualquer empresa faz com sua governança”, diz. A terceira delas, com orçamento de 4 bilhões de reais, agrupa a iniciativa privada, o poder público e a Rio 2016. “É uma organização mista, que tem a Autoridade Pública Olímpica (APO) como coordenadora dos órgãos de governo e comitê organizador”, diz Levy. “Além das parcerias público-privadas, há



Contagem regressiva

A menos de 150 dias para o início dos Jogos Olímpicos, o diretor-geral do Comitê Rio 2016 explica os principais desafios para a gestão do evento

uma série de outras governanças relativas a esse terceiro orçamento”, acrescenta.

Para lidar com todos os stakeholders envolvidos nos Jogos Olímpicos, Levy diz que, primeiro, há um sistema de governança na própria comissão do evento, com um Conselho Diretor Independente formado por profissionais experientes em negócios. “Temos uma série de pessoas representativas da sociedade no nosso conselho diretor, além de agentes estaduais, municipais e federais para fazer uma supervisão externa”, afirma. “A este pool de membros com visões diferentes que formam o Conselho, submetemos toda e qualquer despesa acima de um milhão de reais para aprovação. Isso tem contribuído enormemente para nosso sucesso”, diz. “Também temos uma auditoria externa e outra interna, esta última realizada pela KPMG, além de um

conselho fiscal bastante atuante, formado por membros da sociedade”, completa. A comunicação entre os agentes dessa governança é realizada em conjunto com o Comitê Olímpico Internacional (COI). “Emitimos comunicados diários aos stakeholders em parceria com o COI”, explica Levy.

Riscos mapeados

A Rio 2016 é uma organização temporária que se dedica ao evento desde 2010 e será extinta após os Jogos Olímpicos. Levy conta que, desde seu início, o Comitê Olímpico Internacional apresentou um mapa com 5.500 tarefas e, a partir desse modelo, a organização passou a analisar cada atividade, seus riscos e planos de emergência. “A Olimpíada é uma grande organização de riscos, e o que fazemos é gerenciá-los, porque a cada momento

eles mudam. Há dois anos o grande perigo era o de que as instalações não ficassem prontas a tempo e isso foi se reduzindo, então surgiram novos riscos”, pontua.

O sócio-líder de Sports Advisory da KPMG no Brasil, André Coutinho, concorda com a realização desse tipo de mapeamento e ressalta a importância de um plano de contingência para questões mais relevantes do evento no caso de ocorrências em segurança ou até mesmo durante a execução dos jogos. “Em se tratando de gestão, é importante considerar os aspectos de execução do pré-jogo, durante e até mesmo após o evento. Entendo que a maior pressão reside no tema Segurança. Nesse quesito não podemos errar. O efeito de algo negativo tende a ser devastador”, explica.

Capa

Capacitação de pessoal

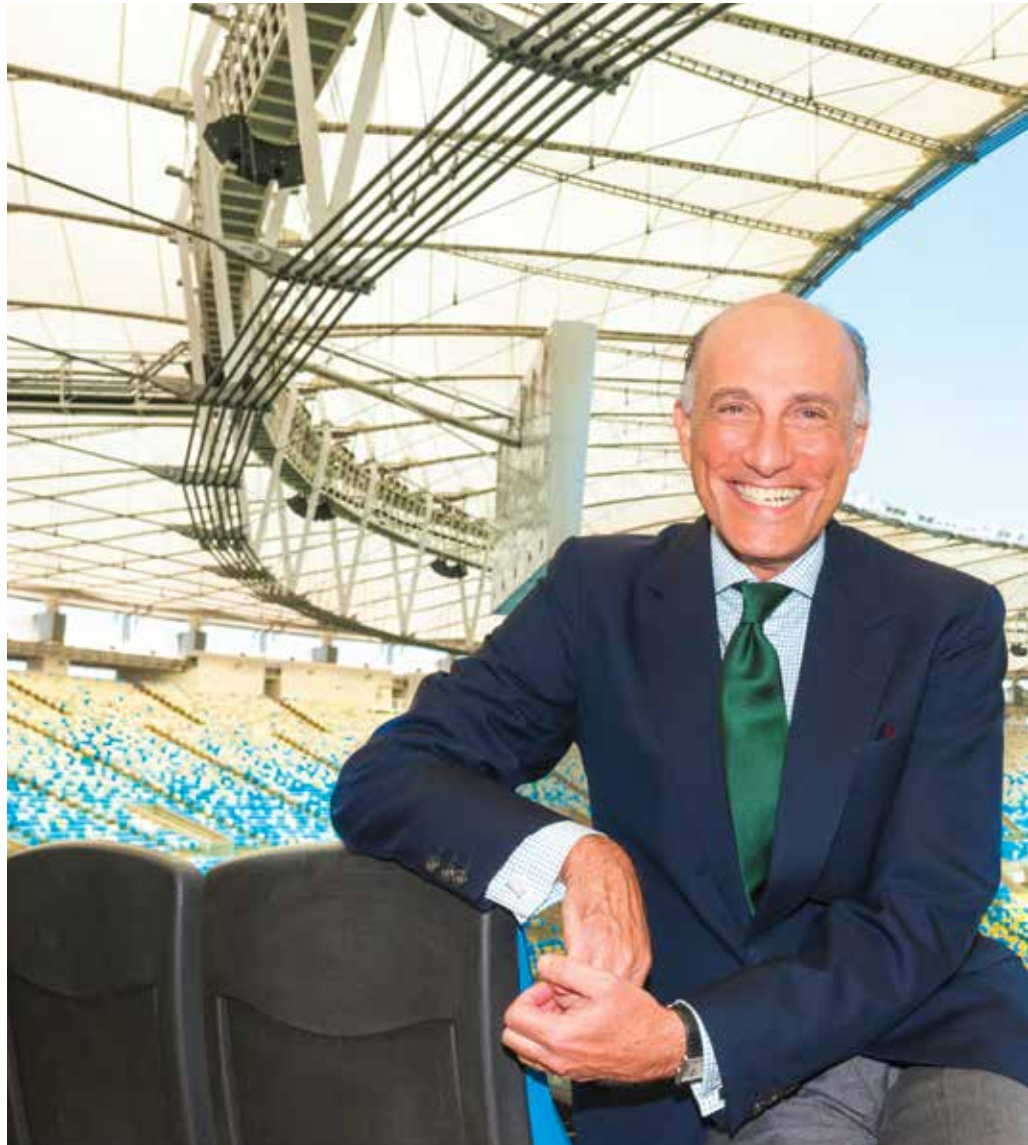
A Rio 2016 tem 2,5 mil colaboradores e passará a contar com 8 mil durante os jogos. Além de pessoal capacitado para a própria organização, é necessário um contingente preparado para o acompanhamento e suporte durante as competições. Coutinho observa que a organização contratou com antecedência equipes multidisciplinares, como executivos do mercado e ex-atletas, para que pudessem se capacitar e treinar outros colaboradores recrutados pela primeira vez para esse tipo de evento. “Há algum tempo temos acompanhado os trabalhos feitos na Rio 2016 e observamos que muitos profissionais contratados, que nunca tinham trabalhado com Olimpíada, rapidamente se envolvem com o tema, aprendem e se tornam especialistas. Além disso, um conceito muito latente na organização é o aproveitamento das experiências de Jogos Olímpicos anteriores, a partir de um padrão já aplicado em outras competições”, diz o sócio da KPMG.

De fato, a colaboração de pessoal com experiência na organização de outras Olimpíadas é uma característica marcante da gestão desse evento, conforme explica o diretor geral da Rio 2016. “É importante dizer que somos muito ajudados, porque existe na formação dos jogos os ‘ciganos’ olímpicos, pessoas que colaboram de Olimpíada a Olimpíada e mudam de país e de vida”, afirma Levy. Ele explica que a organização absorveu cerca de 300 trabalhadores estrangeiros que atuaram em Londres e se mostraram interessados em vir para o Brasil. “Essas pessoas trouxeram muita experiência e, com o auxílio delas, formamos um staff brasileiro. Também contratamos muita gente da Copa ao final do evento”, pontua.

Além da capacitação de pessoal a partir do conhecimento desse grupo, Levy ressalta também a colaboração do Comitê Olímpico Internacional. “O COI fazia revisões periódicas de nossas atividades e enviava para o Brasil seus experts para nos orientar e tirar dúvidas em todas as áreas. Aprendemos muito com eles também”, ressalta.

Plano logístico

Um dos aspectos mais desafiadores dos Jogos Olímpicos é a realização simultânea de várias modalidades esportivas.



“Os Jogos Olímpicos são uma operação complexa, mas já nos sentimos preparados para o negócio. Estamos no momento dos desafios finais”, diz Sidney Levy, diretor-geral do Comitê Rio 2016

Coutinho, da KPMG, explica que todos os aspectos da logística são orientados pela gestão de projetos. “O conceito estabelecido na Rio 2016 é o de ter todas as atividades mapeadas, com cronogramas de execução e equipes fazendo o acompanhamento passo a passo das atividades com adequado treinamento e especialização”, diz. “O mundo já assimilou uma forma de trabalhar nesse aspecto e, no caso de Olimpíadas, não há histórico de erros relevantes, usa-se muito know how de pessoas que já participaram de outros eventos e sabem com propriedade como reagir a determinado problema”, comenta Coutinho.

Além da realização dos jogos em si, há toda uma organização operacional do evento, que ficará a cargo da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Levy conta que um almoxarifado instalado na Avenida Brasil abrigará milhares de itens envolvidos na operação. Só de cadeiras desmontáveis serão cerca de 100 mil, além de 800 mil itens esportivos. “Trata-se de uma operação bastante complexa, razão pela qual buscamos o conhecimento dos Correios e de algumas empresas internacionais para essa operação”, diz.

Levy também comenta que a operação tem enfoque na sustentabilidade, portanto, envolve ainda parcerias para locação de



Divulgação: Rio 2016

equipamentos de telefonia, fator que costuma gerar reclamações de quem assiste aos jogos in loco. “Temos um centro de transmissão de televisão inédito numa competição no Brasil, para 200 emissoras trabalharem ao vivo, e audiência estimada em 5 bilhões de pessoas durante a cerimônia de abertura. Então, a infraestrutura não pode falhar”, diz Levy.

Ele explica que o papel do Comitê nesse quesito é o de formar uma rede de empresas responsáveis pela montagem da infraestrutura, que deve privilegiar parcerias locais. “Emitimos as concorrências com o tipo da necessidade, escolhemos parceiros, eles desenvolvem as soluções que necessitamos e se tornam patrocinadores do evento”, diz. “Todos esses parceiros se comunicam para o desenvolvimento da infraestrutura. O COI nos ajuda trazendo experiências dos jogos passados. Aplicamos o modelo, acrescentamos as expectativas das empresas locais e fazemos essa solução de estrutura, que é sofisticada e bastante complexa”, afirma.

Levy ainda comenta que, de uma forma geral, cada área trabalha com um plano de contingência, e cada uma delas é testada com antecedência. O Comitê vem testando há um ano, por exemplo, os computadores

com sistemas que serão usados nos Jogos. “Para cada caso temos um plano de contingência, para cada arena, para cada local. Fora isso, já realizamos mais de 20 eventos-teste em que vamos para a arena e realizamos uma competição nos modelos que a gente precisa fazer, com testes de TV, telecomunicações em geral, energia, e fazemos uma análise e correções quando necessário”, diz. O diretor da Rio 2016 conta que a organização está em seu 20º teste e a infraestrutura ainda será verificada em mais testes com 50 modalidades esportivas antes dos Jogos, por orientação do COI.

alguns itens e também com empresas especializadas na compra de objetos no final dos jogos.

A interface entre todos os agentes envolvidos é feita por meio de uma diretoria logística, que ainda conta com o suporte de uma empresa de consultoria, além do apoio do COI.

Infraestrutura de telecomunicações

Uma das preocupações com grandes eventos é estabelecer condições para o perfeito funcionamento das transmissões dos jogos. Outro aspecto relevante é a disponibilidade de sinal para os

Segurança dos Jogos

Ponto crítico e ao mesmo tempo estratégico nos grandes eventos, a segurança tem uma série de agentes e variáveis envolvidas. Sidney Levy explica que há um acordo com o Governo Federal para o apoio nessa área. A Força Nacional de Segurança Pública foi convocada e deve mobilizar um efetivo de 15 mil homens para fazer a segurança da arena e da cidade. “Já existem homens morando no Rio de Janeiro e trabalhando na cidade, temos experiência passada de Jogos da Juventude, Pan-Americano e Copa e o sistema de segurança funcionou bem”, diz.

Além disso, a área de inteligência do Governo Federal teria estabelecido um acordo com organizações similares de uma série de países do mundo para colaboração e troca de informações para evitar possíveis intercorrências. Segundo Levy, o maior desafio seria o enfrentamento de tentativas de ataques individuais, causados por agentes que não estivessem, por exemplo, registrado nos sistemas de informação dos países. **BM**

Com enfoque na sustentabilidade, a operação envolve parcerias para locação de alguns itens e venda de objetos no final dos Jogos.



Herança da Olimpíada

Quando a Olimpíada acabar, as estruturas temporárias forem desmontadas e os turistas partirem, o legado que fica será um dos principais instrumentos para avaliar se um evento de tamanha magnitude valeu ou não a pena. O plano de legado dessa Olimpíada envolve 27 projetos de intervenções urbanísticas, ambientais e esportivas e um orçamento de 24,6 bilhões de reais por meio de investimentos públicos e parcerias público-privadas.

As intervenções mais populares são aquelas relacionadas à mobilidade, como o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que vai conectar os bairros da região Portuária ao Centro, com seis linhas e 56 paradas em 28 km de extensão; a BRT Transolímpica, que ligará o Parque Olímpico da Barra ao Complexo Esportivo de Deodoro (16 km e oito estações); o BRT Transoeste, que possui 59 km de extensão e liga Santa Cruz e Campo Grande à Barra da Tijuca; a Duplicação do Elevado do Joá, que contempla a construção de via elevada e duas novas galerias de túneis em paralelo ao viaduto; e o Viário do Parque Olímpico. “Estou feliz de ver nossa cidade sediando a Olimpíada e também ansioso para presenciar a realização dos Jogos.

Já é possível ver a transformação no Rio de Janeiro e a importância do legado de infraestrutura que beneficiará os cariocas e os visitantes”, comenta Manuel Fernandes, sócio-líder da KPMG no Rio de Janeiro.

Já no campo ambiental e de renovação urbana, as obras mais emblemáticas previstas para a Olimpíada são a reabilitação ambiental de Jacarepaguá e o Saneamento da Zona Oeste, a revitalização da região portuária, obras de drenagem, pavimentação de calçadas e iluminação pública, com destaque para as obras do Porto Maravilha e a requalificação do entorno do estádio João Havelange e do Complexo de Deodoro.

De acordo com Sidney Levy, diretor-geral da Rio 2016, só 15% da população do Rio de Janeiro utiliza o sistema inteligente de transporte de alta velocidade, e esse número deve subir para 65% depois dos Jogos. Algumas arenas do parque olímpico da Barra e o parque de esportes radicais de Deodoro também deverão ser utilizados pela população. “Esse é o grande legado das Olimpíadas para o Rio e estamos bastante orgulhosos que o evento tenha possibilitado ao poder público realizar

Ex-diretor da KPMG vai conduzir a Tocha Olímpica

esses investimentos na cidade”, afirma Levy.

Para André Coutinho, outro aspecto importante do planejamento dos Jogos, especialmente pelo poder público, diz respeito ao legado turístico e cultural da região. “O aumento do PIB e geração de empregos acontecem apenas por um período de tempo, o mais importante é deixar uma imagem positiva perante o mundo. Quando os turistas vão embora, eles lembram muito menos dos equipamentos e mais de como encontraram a cidade em diversos aspectos: turismo, gastronomia, hotéis, bares, restaurantes, entretenimento, cultura”, diz.

Ele acrescenta que a forma como os os turistas são recebidos e a opinião dos próprios atletas sobre a cidade e os jogos interferem demasiadamente nas impressões da cidade e do País. “A condução das atividades necessárias para termos os Jogos em perfeita condição é muito séria, com pessoal comprometido e fortemente engajado. Vejo com muita confiança que teremos sucesso”, conclui.



Acervo pessoal

Aos 54 anos de idade, o atleta amador Maurício Cordeiro realizará um sonho de menino. Quando ele tinha apenas 12 anos, carregou a tocha dos jogos esportivos juvenis de que participou e, na época, imaginou como seria emocionante conduzir uma Tocha Olímpica. Nos próximos meses, seu desejo se concretizará em sua cidade natal, o Rio de Janeiro.

Cordeiro foi um dos 12 mil selecionados por meio de um concurso para carregar a Tocha, que partirá de Olímpia, na Grécia, 100 dias antes da cerimônia de abertura dos jogos. De lá, a Tocha viaja até o Brasil, e vai circular por 300 cidades durante 90 dias de revezamento, rumo à capital carioca, onde serão realizados os Jogos. “Quem diria que eu realizaria esse sonho mais de 40 anos depois? Conduzir a Tocha Olímpica será um privilégio fantástico para mim, que sou esportista, e vou guardar essa lembrança para toda a minha vida”, diz.

Esse evento também simboliza o recomeço, após um longo período de recuperação cirúrgica em razão de um hematoma epidural. “Ainda não tive alta definitiva, mas já fui liberado pelo médico para fazer meus treinos e retomar minha vida profissional. Estou me sentindo bem fisicamente, fiquei quase um ano parado”, conta. Sua história, aliás, foi uma das propulsoras para que Cordeiro fosse um dos escolhidos no processo seletivo promovido pelo patrocinador dos Jogos para carregar a Tocha. Após uma inscrição prévia, seus amigos passaram a apoiá-lo, contando à organização do concurso a história de sua vida e dizendo a razão pela qual ele deveria ser indicado para esse evento. “O patrocinador selecionou as melhores histórias com base em alguns conceitos que ele entendia que se enquadravam no perfil procurado nos candidatos”, explica. “Agradeço demais aos amigos que falaram sobre minha história, minha ligação com o esporte e sobre mim de uma forma geral. Foi um processo que envolveu amizade e companheirismo, vi minha vida passar em cada depoimento das pessoas que me apoiaram”, diz.

Mais informações sobre o trecho e a data da condução da Tocha serão divulgadas em breve pelos organizadores. O que o esportista sabe até agora é que a distância percorrida por cada condutor será de cerca de 500 metros. “É um trecho curto, vou carregar a tocha trotando, para esse momento perdurar mais e meus amigos poderem registrar esse momento com as câmeras”, diverte-se.

Maurício Cordeiro pratica esportes desde adolescente e trabalha como consultor tributário. Foi diretor da KPMG no Brasil na área de TAX por 16 anos, de 1996 a 2012.

Projetado pelo renomado arquiteto espanhol Santiago Calatrava, o Museu do Amanhã foi aberto ao público em dezembro de 2015 e é um dos projetos do Porto Maravilha.

Números dos Jogos



Shutterstock/sportpoint

Paralímpico ou paraolímpico?

Em 2011, o Comitê Paraolímpico Brasileiro apresentou a logomarca dos jogos e aproveitou para informar que estava mudando o nome para “paralímpico”, tornando-se Comitê Paralímpico Brasileiro, de modo a igualar a grafia em relação aos demais países. De forma geral, refuta-se “paralímpico”, por se tratar de um termo globalizado que não retrata a origem etimológica da palavra: paraolímpico é formada pela junção do prefixo de origem grega para (de paraplegia) com o adjetivo olímpico. Já paralímpico deriva de ‘para’ (ao lado) e da palavra olímpico.



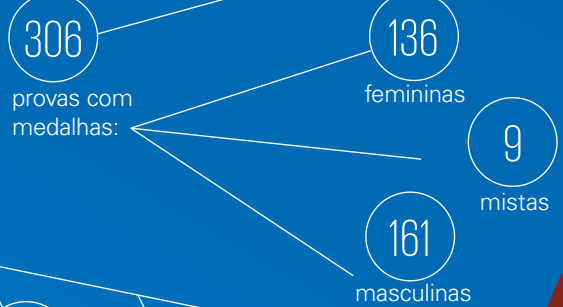
Serão **32** locais de competição espalhados em quatro regiões da cidade. Veja mapa com os locais de competição. <http://goo.gl/Zb96IX>



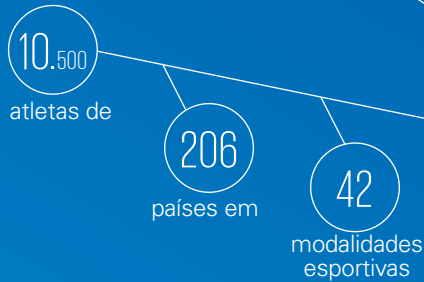
Olímpicos

Data: **5 a 21** de agosto de 2016

Serão disputadas **306**



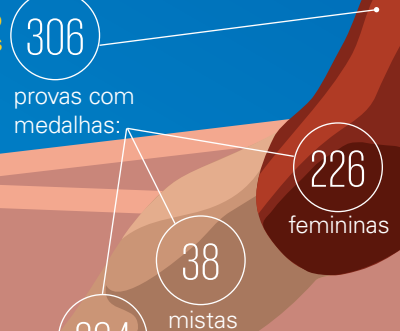
Participação:



Paraolímpicos

Data: **7 a 18** de setembro de 2016

Serão disputadas **306**



Participação:



Barra

- Campo Olímpico de Golfe Pontal
- Arena Carioca 1
- Arena Carioca 2
- Arena Carioca 3
- Arena do Futuro
- Arena Olímpica do Rio
- Centro Aquático Maria Lenk
- Centro Olímpico de Tênis
- Estádio Aquático Olímpico
- Velódromo Olímpico do Rio
- Riocentro Pavilhão 2
- Riocentro Pavilhão 3
- Riocentro Pavilhão 4
- Riocentro Pavilhão 6

Copacabana

- Arena de Vôlei de Praia
- Estádio da Lagoa
- Forte de Copacabana
- Marina da Glória

Para os Jogos serão necessários:

25
mil bolas
de tênis

60
mil
cabides

100
mil bolas
de tênis

72
mil
mesas

34
mil
camas

11
milhões de
refeições

O Comitê Rio contará com:

45
mil
voluntários

85
mil
terceiros

6.500
funcionários



CURIOSIDADES

- Os primeiros Jogos Olímpicos da Antiguidade foram realizados em Olímpia, na Grécia, em 776 a.C.
- Em 392 d.C os Jogos foram suspensos.
- Os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna aconteceram em 1896 em Atenas, na Grécia.
- A Tocha Olímpica simboliza a união entre os Jogos da Antiguidade e os da Era Moderna. A Tocha Olímpica vai viajar por mais de 300 cidades do Brasil durante 90 dias de revezamento.

Até hoje foram realizadas edições dos Jogos Olímpicos de verão:



Deodoro

- Arena da juventude
- Centro Aquático de Deodoro
- Centro Olímpico de Hipismo
- Centro Olímpico de Hóquei
- Centro Olímpico de Tiro
- Estádio de Deodoro
- Centro Olímpico de BMX
- Estádio de Canoagem
- Slalom
- Centro de Mountain Bike

Maracanã

- Estádio Olímpico
- Sambódromo
- Maracanã
- Maracanãzinho